

QUATRO ANOS DE INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO ESPAÇO CIDADÃO (PALMELA). OS PRINCIPAIS RESULTADOS E ALGUMAS QUESTÕES

Recebido: 26 de Maio de 2017 / Aprovado: 29 de Dezembro de 2018

João Nunes¹ e Eduardo Porfírio¹

Arqueólogos. Palimpsesto, Estudo e Preservação do Património Cultural, Lda.

Michelle Teixeira Santos²

Arqueóloga. Câmara Municipal de Palmela/Museu Municipal.

Resumo

Apresentação dos resultados das intervenções arqueológicas realizadas no âmbito da reabilitação do edifício Espaço Cidadão, desenvolvidas entre 2011 e 2015, que forneceram um conjunto de informação sobre a evolução da urbe de Palmela, desde o Período Medieval até ao século XX.

A sequência construtiva deste edifício, de arquitectura *quinhentista*, organizou-se segundo três grandes momentos construtivos: um primeiro do Período Tardo-medieval e inícios do Período Moderno (séculos XIII/XIV-XVI); seguido de uma nova fase, com a introdução de novos elementos arquitectónicos no Período Moderno (séculos XVI-XVIII) e por fim, as profundas reformulações da fase pós-terramoto (final do século XVIII ao século XX).

É possível que alguns elementos deste conjunto estrutural possam relacionar-se com a presença da comunidade cristã-nova de Palmela e as suas práticas religiosas, referida no *Foral dos Mouros Forros* e em processos da Inquisição do tribunal do Santo Ofício.

Palavras-chave: Arqueologia da Arquitectura; Período Medieval e Moderno; cristãos-novos.

Abstract

Presentation of the results from the archaeological interventions developed between 2011 and 2015 as part of the rehabilitation project of the “Espaço Cidadão” building, which provided a set of information on the urban development of Palmela from the Middle Ages to the 20th century.

The constructive sequence of the building, of 16th century architecture, was organized according to three major constructive stages: a first one of the late Medieval Period and early Modern Period (13th / 14th-16th century), followed by a new stage with the introduction of new architectural elements in the Modern Period (16th -18th century). Lastly, the building suffered deep changes in the post-earthquake stage (late 18th to the 20th century).

It is possible that some of the identified architectural elements are related to the presence of the “New-Christians” community of Palmela and its religious practices, referred in «*Foral dos Mouros-Forros*» and in some Inquisition processes.

Keywords: Archaeology of the Architecture, Medieval Age, Modern Age, New-Christians.

¹ geral@palimpsesto.pt

² mtsantos@cm-palmela.pt

1 - Introdução

O edifício do Espaço Cidadão, localizado no coração do Centro Histórico da vila de Palmela, numa área de elevada sensibilidade arqueológica (Fernandes, 2004; 2012; Fernandes e Carvalho, 1993; 1997a; 1997b; Fernandes e Santos, 2008; Santos, 2012; Ramos e Porfírio, 2017; Rosendo *et al.*, 2010), integra a Zona de Protecção do arqueossítio do Mercado Velho, com contextos tardo-medievais, modernos e contemporâneos (Carvalho, 2005; 2005/2007) e os limites da Servidão Administrativa da Zona Especial de Protecção conjunta dos monumentos nacionais do Castelo, Igreja de Santiago e Pelourinho de Palmela.

Este enquadramento determinou a necessidade de promover acções de diagnóstico, de arqueologia preventiva e de musealização, desenvolvidas em diferentes fases entre os anos de 2011 e 2015.

2 - Faseamento e estratégia das intervenções arqueológicas desenvolvidas no Espaço Cidadão

Em 2011, com o objectivo de avaliar o potencial estratigráfico e arqueológico da área a afectar, e para uma melhor avaliação histórica do edifício, realizou-se um conjunto de sondagens de diagnóstico, horizontais (138 m²) e parietais (48,05 m²). Em 2013, na sequência dos resultados obtidos e do projecto proposto, optou-se por complementar as zonas já intervencionadas com novas áreas de escavação, localizadas na zona do logradouro (25,9 m²). Estas foram efectuadas previamente ao início de obra, de forma a minimizar os constrangimentos durante a execução da empreitada. Face aos resultados dos trabalhos anteriores, realizados entre 2013 e 2015, procedeu-se ao acompanhamento arqueológico de todas as afectações, tanto no subsolo, como ao nível do edificado.

A relevância dos elementos arquitectónicos e arqueológicos identificados, tanto no interior, como no exterior do edifício, impulsionaram a integração dos exemplares mais significativos e melhor conservados no projecto actual, promovendo-se, entre 2015 e 2016, acções de valorização, conservação preventiva e respectiva musealização.

3- Análise diacrónica da evolução ocupacional do Espaço Cidadão

As intervenções arqueológicas preconizadas foram determinantes para compreender a sequência construtiva deste edifício, que preservava importantes elementos da arquitectura quinhentista e que parece ter-se estruturado ao longo de três momentos construtivos:

1.º Momento: Período Tardo-medieval e inícios do Período Moderno (séculos XIII/XIV-XV)

Esta primeira fase encontrava-se muito afectada pelas ocupações subsequentes, estando apenas documentada pelos contextos associados ao silo, identificado na sondagem 5 (Fig. 1). Também deste momento eram os depósitos registados na base da sondagem 6, possivelmente associados a um contexto de forja ou à deposição dos detritos desta.

Porém foram as sondagens parietais 1 e 2 que revelaram o melhor conjunto de informação arqueológica enquadrável no Período Tardo-medieval ou de início do Período Moderno. Como observado nestas sondagens, o edifício original foi parcialmente escavado no arenito brando de Palmela (Miocénico), como nos evidenciava o arco escavado na rocha (salas 1 e 2), que tinha associado um motivo cruciforme gravado (Santos e Nunes, 2012/2013) (Fig. 1). Esta solução arquitectónica permitia a comunicação entre estes dois espaços,



Fig. 1 - A: Arco escavado na rocha e motivo cruciforme (sondagem parietal 1); B: Arco escavado na rocha (sondagem parietal 2); C: Motivo cruciforme (sondagem parietal 1); D: Silo (sondagem 5).

podendo também ter funcionado como espaço de armazenagem, cuja configuração inicial se perdeu com as alterações realizadas no edifício nas centúrias seguintes. No Período Moderno, esta abertura foi parcialmente entaipada, em duas fases distintas, criando primeiramente uma janela quadrangular, que foi depois totalmente encerrada. Este arco serviu de suporte a um novo arco de maiores dimensões, composto por blocos de arenito.

2.º Momento: Período Moderno (séculos XV-XVIII)

Os contextos dos séculos XV/XVI eram bastante evidentes em toda a área intervencionada, com destaque para a sequência estratigráfica que foi registada na sondagem 7 e que preenchia uma grande estrutura negativa quadrangular escavada na rocha, realidade que era sobreposta pela parede Noroeste da sala 5.

Nas sondagens parietais 1, 2 e 3, os arcos com grandes blocos de arenito também se enquadravam nesta datação. Entre as salas 1 e 2, o segundo arco apoiava-se no arco anteriormente escavado na rocha e num suporte de pedra e argamassa, construído para vencer o desnível da encosta onde estas salas foram



Fig. 2 - A: Sequência de arcos entre as salas 1 e 2; B: Portas das salas 1 e 2 (1.º andar); C: Arco entre as salas 5 e 6; D e E: Porta entre as salas 5 e 6 (1.º andar).

escavadas. Note-se que o piso inicial destas salas se mantinha pela base do arco escavado na rocha, tendo a cota, posteriormente, sido rebaixada (Fig. 2).

Durante as picagens da parede Sul da sala 1, ao nível do 1.º andar, identificaram-se duas portas. Uma porta com ombreira biselada em arenito, encabeçada por um arco em tijolo, também biselado, ainda com vestígios de cal. (Fig. 2). Esta porta, pelas suas características e técnicas construtivas, pareceu-nos relacionar-se cronologicamente com o segundo arco de grandes blocos e a porta exterior de arco quebrado, presente na parede Este do edifício.

Na demolição da parede que divide as salas 2 e 4, identificou-se uma outra porta entaipada, com ombreiras biseladas executadas em tijolo, com revestimento de cal. A pedra de soleira apresentava o respectivo gonzo e encaixe. No rés-do-chão, do lado sul, surgiu o arranque de um arco igualmente escavado na rocha, até ao início do 1.º andar sendo credível o seu enquadramento no Período Medieval/Moderno, mas cuja verga foi alterada, possivelmente no século XIX.

Entre as salas 3 e 4, também se observou, no rés-do-chão, uma porta, com grandes ombreiras em arenito e arco chanfrado em tijolo, do Período

Moderno. Na ombreira esquerda verificou-se um grande encaixe de tendência circular, semelhante ao existente na porta exterior de arco quebrado da parede Este do edifício e que correspondia ao negativo de uma tranca. A evidência da existência de tranças foi documentada noutras portas da casa.

O prosseguimento dos trabalhos no 1.º andar, na sala 5, confirmou a existência de novos elementos relacionados com esta fase de ocupação. No canto Este desta sala, surgiu uma porta/passagem, moldurada, morfologicamente semelhante às duas janelas presentes nas paredes exteriores. O topo desta porta/passagem apresentava uma protuberância ao centro, modelo próximo das janelas manuelinas, mas que neste caso surgiu apenas moldurada, sem outro motivo decorativo associado. Curiosamente esta porta/passagem vai estreitando, da base até ao topo, e a pedra de



Fig. 3 - A: Porta/passagem entre as salas 5 e 6 (1.º andar); B, C e D: Pormenores da porta/passagem entre as salas 5 e 6 (1.º andar).

soleira, denunciando intensa utilização, mostrou-se extremamente desgastada (Fig. 3).

Paralelamente, no canto Oeste da mesma parede, individualizou-se outra porta coeva da anterior, cuja pedra de soleira se encontrou também muito gasta (Fig. 2). Registou-se uma diferença altimétrica entre estas duas portas. Notoriamente, o vão da porta/ passagem a Este era mais baixo, podendo mesmo ter servido para distinguir quem entrava, e por onde, neste compartimento.

Ainda nesta sala, entre as duas portas, identificou-se uma estrutura parietal totalmente distinta do conjunto arquitectónico existente no edifício, equivalente a um «armário de parede» (?), também moldurado e seccionado em duas partes. O topo apresentava uma configuração trapezoidal semelhante à janela identificada na fachada. A moldura existente em torno deste seria saliente em relação à parede e foi destruída num momento posterior, sendo reutilizada no entaipamento do armário (Fig. 4).

Na verdade, os elementos que compunham a sala 5 distinguiam-se de todos os outros existentes no edifício.



Fig. 4 - A: Porta/passagem e armário de parede na sala 5 (1.º andar); B, C e D: Pormenores do armário de parede na sala 5 (1.º andar).

Justamente na mesma parede, mas virado para o interior da sala 6, individualizou-se um pequeno nicho de formato rectangular alongado, dividido em duas secções assimétricas que foram ambas entaipadas, por argamassa e pedras de dimensão variada. A secção superior encontrava-se muito destruída e muito fragilizada, optando-se por intervir, inicialmente, apenas a secção inferior. A secção superior foi, entretanto, intervencionada quando decorriam os trabalhos de conservação e restauro (Arqueohoje, Lda.). A base do nicho era irregular, encontrando-se bastante enegrecida, com evidentes marcas de alteração térmica. Na parede de fundo e junto à base foi registado um motivo epigráfico esboçado a carvão. A intensa sucessão de camadas de cal que revestiam o interior deste nicho são um elemento demonstrativo da sua longevidade. Terão estas inúmeras camadas de cal ocultado outros motivos? A sua aplicação seria repetidamente intencional? (Fig. 5)



Fig. 5 - A, B e C: Pequeno nicho dividido em duas secções na sala 6 (1.º andar); D: Grafitos/caracteres a carvão no interior nicho da sala 5 (1.º andar).

Também no exterior do edifício, os trabalhos de picagem continuaram a registar várias ocorrências, de diferentes cronologias. Ilustrativas disto e muito características da casa urbana de Quinhentos típica de Palmela, são as duas chaminés de

prumada, construídas em tijolo, uma das quais evidenciava o reaproveitamento de ombreiras chanfradas no seu entaipamento (Rosendo *et al.*, 2010, p. 39; Serrão e Meco, 2007, pp. 38-39, 258).

A Este da porta n.º 62, identificou-se a ombreira de um vão, ainda com vestígios do revestimento de cal.

No 1.º andar da sala 3, surgiram vestígios de uma janela de sacada, com ombreira biselada. A Oeste desta janela surgiu outra, com as ombreiras e base chanfradas, em arenito. Originalmente, a verga em tijolo chanfrado apresentava três vértices de formato trapezoidal, sendo, mais tarde, regularizada para permitir a instalação de uma janela quadrangular (Fig. 6).



Fig. 6 - Janelas entaipadas na fachada: A: Janela de sacada; B: Pormenor da verga, em formato de trapézio, de janela chanfrada; C: Janela chanfrada; D: Colunelo da janela chanfrada; E: Verga, em formato de trapézio, de janela moldurada; F: Janela moldurada.

No cunhal Oeste identificou-se uma janela moldurada, com verga trapezoidal, também com três vértices e ombreira rematada em forma de colunelo, obtidas através de tijolo moldado, sendo que a base era constituída por um grande bloco de arenito (Fig. 6). Refira-se que esta janela tem como paralelo formal uma janela do claustro do Convento de Jesus, em Setúbal, datada das últimas décadas do século XV, verificando-se apenas diferença ao nível dos materiais construtivos.

As coberturas originais do edifício eram constituídas por telhados de tesouro de quatro águas, muito comuns nos edifícios mais antigos do Centro Histórico, que se apresentavam perpendiculares à fachada. Também se observaram os sistemas de escoamento.

A parede Este do edifício preservava uma porta de arco quebrado, executado em tijolo biselado, ainda com revestimento de cal. Mantinha o bloco do gonzo superior, bem conservado. Já a soleira, encontrava-se bastante desgastada. A ombreira esquerda, a única preservada, era constituída por blocos de arenito biselados, bem aparelhados, com vestígios de cal na superfície. Possuía um encaixe circular, sensivelmente a meia-altura, que deveria corresponder à tranca interna da porta. Foi também identificado um pequeno negativo circular na ombreira. Esta porta seria o primitivo acesso do Edifício, que se fazia ao nível do 1.º andar da sala 1, acima do segundo arco (Fig. 7).

Registou-se no lado Oeste da parede exterior da sala 6, ao nível do 1.º andar, uma primitiva janela de sacada, com soleira e ombreira em arenito. Também no 1.º andar, mas no que corresponde à sala 5, confirmou-se a existência de uma outra janela de sacada moldurada, ao estilo maneirista, com base chanfrada em arenito, ombreiras em tijolo burro e argamassa com revestimento a cal,



Fig. 7 - A e G: Porta de arco quebrado no lado Este do edifício; B, C, D, E e F: Pormenores da porta de arco quebrado; H: Porta de arco quebrado, vista do interior do edifício.

idêntica à identificada na fachada do 1.º andar desta mesma sala.

A picagem das escadas que ligam o logradouro ao 1.º andar lançou novas pistas sobre a evolução deste espaço. Verificou-se que se sobrepunham a um nível de escadas pré-existente, contemporâneo do arco chanfrado, que oferece acesso a um pequeno espaço no seu interior, cujo topo é suportado por uma abóbada, que possui apenas três arranques e onde também se registou uma grande canalização. Removidos os revestimentos das paredes e da cúpula, observou-se na parede Norte a presença de um pilar, com laterais caiadas, ao centro da cúpula, que poderá indicar que este espaço esteve outrora aberto ao exterior, facto também registado na face voltada para a Rua Hermenegildo Capelo (Fig. 8).

Na fachada do portão do logradouro, detectou-se a ombreira chanfrada, em calcário, pertencente ao portão mais antigo, destruído pela instalação do actual. No último bloco da ombreira eram visíveis, na face interna, três sulcos diagonais, do sistema de fixação do portão. A Oeste desta ombreira, identificaram-se duas aberturas quadrangulares, provavelmente pertencentes aos agulheiros associados à construção dos portões, podendo, no entanto, ter funcionalidades e cronologias distintas. Assim, a abertura situada a uma cota inferior, visível em ambas as faces da parede, permitiria a visão da rua a partir do interior, podendo ter funcionado como postigo.

No logradouro e associadas ao próprio edifício foram documentadas várias estruturas hidráulicas destinadas à distribuição, abastecimento e armazenamento de água limpa. A sua presença impôs-se à própria construção da casa, obrigando à sua adaptação, de modo a integrar estes elementos. Sob as escadas de acesso ao 1.º andar, registou-se a

grande canalização que, a partir daqui, passava pelo interior da casa, através de uma pequena cúpula, presente no canto Noroeste da sala 5, seguindo para o exterior. A canalização prosseguia ainda para o logradouro, onde bifurcava, sob as escadas, para Noroeste e para Poente. Na actualidade esta estrutura continua preservada sob o edifício vizinho. O aparelho desta estrutura era composto por grandes blocos calcários, combinados com pedra pequena e argamassa de cal. A sua cobertura era, originalmente, composta por blocos de grande dimensão, dispostos obliquamente, conjugando também outras soluções arquitectónicas, ilustrativas da sua longa diacronia (Figs. 8 e 9).

No canto Nordeste do logradouro, preserva-se um poço, escavado na rocha, conciliado com a passagem da grande canalização, cujo bocal, de tendência semicircular, foi estruturado com blocos de arenito de média e grande dimensão. Este poço foi integrado na construção da parede, sendo parcialmente visível no chão da sala 5, desenhando

uma estrutura também semicircular, coberta com blocos de arenito, sugerindo que em dado momento foi acessível a partir do interior do edifício (Fig. 8).

No subsolo da área hoje ocupada pelo auditório, existia o que chamámos «Casa da Água», composta por um grande reservatório para armazenamento de água, escavado na rocha. Esta estrutura prolongava-se para Oeste sob o edifício actual. No canto



Fig. 8 - A: Escadas e arco chanfrado, na passagem para espaço abobadado sobre grande canalização; B, C, D e F: Pormenores do espaço abobadado e grande canalização sob as escadas; E: Abóbada da grande canalização no canto da sala 5; G: Poço e grande canalização; H: Poço no interior da sala 5.



Fig. 9 - A e B: Grande canalização; C: Bifurcação da grande canalização sob as escadas.

Sudoeste verificou-se uma abertura em arco, escavada na rocha, sob a propriedade vizinha, que se relacionava com este reservatório. Junto da entrada do auditório identificou-se uma interessante estrutura de pedra e argamassa revestida com sucessivas camadas de cal, constituída por blocos de calcário retangulares bem afeiçãoados, e com piso argamassado. Este conjunto parece-nos pertencer a um possível tanque ou fonte, do qual partem canais para Este e Oeste, sob o quintal vizinho. Fronteiro a este tanque/fonte desenvolvia-se um empedrado, sendo que o grande reservatório ocupava o seu espaço traseiro. A «Casa da Água» era separada da grande canalização por um muro, que inflectia para o cunhal do edifício principal, sugerindo que este era um espaço interior, de acesso reservado, pois apenas era acessível através de uma grande porta, a partir do interior do edifício (sala 6). Preservava-se a soleira e um pequeno encaixe quadrangular, a meia-altura da parede,

associado a esta entrada (Fig. 10). O vão da porta acabou por ser entaipado ainda durante o Período Moderno, passando a ser utilizado como chaminé. Por fim, esta foi desactivada, na transição para o período contemporâneo, com a instalação de uma cozinha no 1.º andar e ocultada pela construção do tanque da adega, que laborou no piso térreo.

Os contextos arqueológicos relacionados com estas estruturas apresentaram-se perturbados pelas sucessivas reformulações deste espaço, nas fases pós-terramoto (1755), mas reportam-nos a um período temporal balizado entre os séculos XIII/XIV e o XX. Realidade que nos parece concordante com o conjunto artefactual recolhido, com muitos recipientes ligados ao transporte, armazenamento e utilização da água.



Fig. 10 - “Casa da Água”. A: Encaixe quadrangular associado a porta; B: Porta; C, D, E e F: Possível tanque ou fonte, do qual partem canais para Este e Oeste; G: Vestígios de canal que segue para quintal vizinho; H e I: Reservatório e abertura em arco, escavada na rocha, sob a propriedade vizinha.

3.º Momento: Profundas reformulações do edifício da fase pós-terramoto (final do século XVIII ao século XX)

Esta é a fase mais evidente, afectando de forma determinante todos os contextos pré-existentes na área de intervenção. Neste período ocorreram rebaixamentos dos pisos nas salas 1 e 2, registando-se um segundo momento de escavação da rocha, afectando irremediavelmente os contextos ocupacionais precedentes e que, consequentemente, exigiu a reformulação das altimetrias do espaço habitacional, recorrendo à construção de um terceiro arco em tijolo tradicional que aproveitou parte das estruturas anteriores para a sua sustentabilidade. O rebaixar deste piso é ainda comprovado pelos suportes para as traves de madeira, que a par de “cachorros” em calcário, sustentavam o soalho do 1.º andar (Santos e Nunes, 2012/2013, pp. 2-7).

Ao nível do sótão, num acrescento em tijolo e cimento, surgiu um apontamento temporal, inserido num medalhão gravado na parede, com data de 29 de Maio de 1867, ladeado por duas cruzes. Esta evidência deu-nos uma datação *ante quem* para as restantes remodelações.

A parede da sala 1 forneceu uma das melhores sequências estratigráficas do imóvel, evidenciando a totalidade do seu processo construtivo. Esta sucessão teve origem na Baixa Idade Média, terminando perto do último quartel do século XIX.

No interior do edifício foram identificadas várias estruturas negativas que parecem corresponder a buracos de poste escavados na rocha e em algumas paredes do piso térreo, que devem corresponder a estruturas para assentamento de grandes tonéis de vinho, que ocupavam as várias salas da casa, associando-se às actividades da adega localizada no exterior.

Refira-se ainda que o muro que dividia o espaço da adega, da cocheira, afectou as estruturas anteriores, existentes na parte Sul do Logradouro. Entre esta área e a parede, que separava o logradouro da rua, observou-se a existência de uma calçada, que reaproveitou fragmentos de mó e um projectil em calcário.

Sobre a porta n.º 62, verificou-se um óculo oval, construído em tijolo tradicional, coetâneo da instalação desta porta e para iluminação natural das escadas.

A execução das picagens nas fachadas do edifício revelou a uniformização arquitectónica, que o mesmo sofreu, com a abertura de novos vãos, invalidando total ou parcialmente as janelas e portas anteriores, possivelmente no séc. XIX.

4 – Breves notas sobre a integração de elementos arquitectónicos e musealização do Espaço Cidadão

A excepionalidade da documentação arqueológica, a diversidade de informação recolhida durante quatro anos e, em alguns casos, as características inéditas e o estado de conservação de algumas ocorrências em contexto local, determinaram que a sua integração no projecto de arquitectura fosse prioritária, devolvendo a memória do edifício *Quinhentista* à paisagem urbana e ao quotidiano da comunidade local através da sua valorização, musealização e integração na exposição permanente, intitulada: «*Fecha-se uma porta, abre-se uma janela. Espaço Cidadão – evolução histórica do edificado*».

Neste que foi um processo longo e complexo, se pensarmos na necessária conciliação de todos os interesses e de todos os agentes responsáveis pela execução do projecto, privilegiou-se a preservação e valorização dos elementos patrimoniais para que ficassem devidamente enquadrados,

seleccionando-se as ocorrências mais expressivas que permitissem a leitura da história do edifício, convidando o público a explorar estes testemunhos e a percorrer os 700 anos de história do Espaço Cidadão.

Do conjunto de informação existente seleccionámos distintos elementos, tanto no exterior, como no interior do edifício, para integração na exposição permanente e para o desenvolvimento de trabalhos de conservação e restauro, para posterior musealização, de que destacamos: as portas de arco quebrado com as ombreiras biseladas que representam os primitivos acessos do edifício, mas também os pontos de comunicação com o mundo exterior e o interior mais reservado; as janelas/portas chanfradas e molduradas, que retratam diferentes padrões arquitectónicos ao longo do tempo; a sequência construtiva dos arcos preservados no interior da sala 1, com técnicas e soluções construtivas distintas, aplicadas desde o Período Tardo-medieval e inícios do Período Moderno; as estruturas que documentam a presença da água, como elemento basilar deste espaço e nichos parietais registados no 1.º andar da casa, que testemunham a história do edifício e das comunidades que aqui habitaram.

5 - Possíveis pistas para uma ocupação cristã-nova do espaço cidadão

Muitas são as questões que mantemos em relação à ocupação deste edifício, que lançamos agora para reflexão e que podem relacionar-se com uma ocupação cristã-nova deste espaço.

É possível que alguns dos elementos arquitectónicos e materiais identificados, bem como a traça trapezoidal e sinuosa do edifício, com vãos assimétricos, possam estar

relacionados com a presença da comunidade judaica ou mourisca de Palmela e as suas práticas religiosas.

O Foral dos Mouros Forros, de 1170, é o primeiro documento que determina os direitos e deveres das três culturas que coexistiram em Palmela. Alguns documentos, associados aos processos da Inquisição de população ligada a Palmela, levam alguns investigadores a defenderem a existência de uma comunidade judaica de alguma escala, em Época Moderna, viabilizando até a existência de uma comuna na vila (Barros, Silva e Costa, 2005: 11-13; Costa, 2016; Martins, 2017: 2-4; Tavares, 1979; 1982; 1984; Patriarca, 2002). Referências a que se podem juntar alguns dos indícios agora sinalizados. Porém, não podemos deixar de aludir à influência que a presença da Ordem militar e religiosa terá exercido no quotidiano da urbe, sobretudo a partir do século XV, momento próspero em que os Espatários se sediam na vila. A presença efectiva da Ordem de Santiago, proprietária de vasto património urbano e rural, impulsionou uma intensa actividade comercial e cultural, de que são exemplo as inúmeras importações recolhidas. Este facto contribuiu para consolidar o crescimento do núcleo urbano, com fixação de novas populações, mantendo a dinâmica rural marcada pelo vinho e pelo azeite.

Como já se referiu, na extremidade Este do edifício, numa parede interna, entre as salas 1 e 2, sensivelmente orientada a Sudeste, surgiu um arco escavado na rocha local, que tem associado um cruciforme simples, gravado à esquerda, abertura que foi depois, em distintos momentos, entaipada, criando num primeiro momento uma abertura quadrangular que, por fim, foi totalmente anulada. Podemos considerar ainda uma hipótese mais funcional para esta evidência, configurando

uma reentrância, onde se poderia armazenar alguns utensílios.

Registou-se também numa parede interna ao nível do 1.º andar, que divide as salas 5 e 6, na extremidade Oeste do edifício, localizada sensivelmente ao centro, entre duas portas (uma de maiores dimensões que a outra) próximo ao pavimento, uma estrutura embutida na parede, tipo «armário de parede», que possuía duas secções e que se encontrava cuidadosamente colmatada por tijolo artesanal e argamassa de cal (que parece corresponder a um remate exterior que foi removido e serviu para o entaipamento, tendo sido entretanto desmontado para uma melhor avaliação da estrutura). A secção inferior apresenta formato quadrangular, encimada por uma outra, de menores dimensões, que remata em trapézio. O interior não revelou qualquer informação adicional, além duma intensa sucessão de camadas de cal, o que atesta a sua longa permanência em utilização, não se verificando a presença de concavidades na base, uma vez que esta se encontra extremamente degradada. As técnicas construtivas e materiais aplicados nesta estrutura são similares aos existentes na porta/passagem moldurada e no nicho parietal presentes nesta sala e na sala 6.

Na mesma parede, mas já na sala 6, a meia altura e encostada à porta mais a Oeste, surgiu uma estrutura de menores dimensões, que se apresentava igualmente entaipada, por argamassa e pedras de dimensão variada. Possui duas secções e um formato de tendência rectangular. O seu estado de conservação mais degradado apenas permitiu intervenção na secção inferior, removendo-se todo o preenchimento intrusivo, tendo-se então observado que a base deste nicho era irregular, bastante enegrecida com alteração térmica (sugerindo a presença constante de uma fonte de iluminação). O interior do nicho apresentava uma intensa

acumulação de camadas de cal (mais uma vez sugerindo uma longa perduração da estrutura) e na parede do fundo, próximo da base, continha aquilo que nos parece corresponder a alguns grafitos/caracteres a carvão, cuja interpretação não nos é possível de momento avançar.

Referência ainda para as várias estruturas hidráulicas destinadas à distribuição, abastecimento e armazenamento de água limpa, que poderão associar-se às práticas religiosas de população cristã-nova. Sobretudo, o que poderemos designar como a “Casa da Água”, já referida anteriormente, onde pontua com grande destaque um possível tanque ou fonte, de que partem canais para Este e Oeste, em frente ao qual se desenvolvia um empedrado, sendo que o grande reservatório ocupa o seu espaço traseiro, a que se associa uma abertura em cúpula, escavada na rocha. A estas estruturas apenas se acedia por uma grande porta, com um pequeno encaixe quadrangular, a meia-altura de parede associada.

6 – Por fim...

Para concluir falta referir que esta é uma investigação que ainda agora se inicia, prosseguindo o estudo do grande volume de informação arqueológica identificada durante os trabalhos.

As inúmeras questões e o conjunto complexo de dados com que partimos para esta investigação alimentam a pertinente colaboração com outros investigadores e fundamentam a realização de escavações arqueológicas, combinadas com outras acções preventivas nas áreas adjacentes, que auxiliem na interpretação mais segura deste conjunto patrimonial, de modo a que as fontes históricas, a arqueologia e a arquitectura se possam traduzir na consolidação do conhecimento actual sobre a Palmela Medieval e Moderna.

Bibliografia

- BARROS, Maria Filomena; SILVA, Manuela Santos; COSTA, João Paulo Oliveira (2005). *Os Forais de Palmela. Estudo Crítico*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela, pp. 11-13.
- CARVALHO, António Rafael (2005). Intervenção Arqueológica no Mercado Velho: primeiros resultados. *Adenda electrónica da revista al-Madan*. Série II. 13, pp. V1-V18.
- CARVALHO, António Rafael (2005/2007). Intervenção Arqueológica no Mercado Velho: novos contributos para o conhecimento do quotidiano em Palmela, no final da Idade Média. *Musa*, 2, pp. 74-82.
- COSTA, João Tiago dos Santos (2016). *Palmela: o espaço e as gentes (séculos XII-XVI)*. Tese de Doutoramento em História. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (2004). *O Castelo de Palmela. Do islâmico ao cristão*. Lisboa: Edições Colibri / Câmara Municipal de Palmela.
- FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (2012). Palmela Medieval e Moderna: a leitura arqueológica. In Isabel Cristina Ferreira Fernandes e Michelle Teixeira Santos *Palmela Arqueológica no contexto da região interestuarina Sado-Tejo*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela, pp. 111-132.
- FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira; CARVALHO, António Rafael (1993). *Arqueologia em Palmela - 1988/92. Catálogo da exposição*. Palmela: Município de Palmela.
- FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira; CARVALHO, António Rafael (1997a). Intervenção Arqueológica na Rua de Nenhures (Palmela). In *Actas do I Encontro de Arqueologia da Costa Sudoeste, Novembro de 1991. Setúbal Arqueológica*, 11-12. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, pp. 279-295.
- FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira; CARVALHO, António Rafael (1997b). Abordagem Arqueológica da Palmela Medieval Cristã. *Arqueologia Medieval*, 5, pp. 221-241.
- FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira; SANTOS, Michelle Teixeira (2008). *Palmela Arqueológica. Espaços, Vivências, Poderes. Roteiro da exposição*. Palmela: Município de Palmela.
- MARTINS, Jorge (2017). A Inquisição e os Cristãos-Novos de Palmela, + *Museu, Boletim do Museu Municipal de Palmela*, 18, pp. 2-4.
- PATRIARCA, Raquel (2002). *Um estudo sobre a inquisição de Lisboa: O Santo Ofício na Vila de Setúbal - 1536-1650*. Tese de Doutoramento em História Moderna. Faculdade de Letras da Universidade Porto.
- RAMOS, Ana Cristina; PORFÍRIO, Eduardo (2017). Requalificação urbana do Centro Histórico de Palmela, + *Museu, Boletim do Museu Municipal de Palmela. Separata do nº 17*, pp. 1-8.
- ROSENDO, Maria Teresa; PRATA, Cristina dos Reis; FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira; SANTOS, Michelle Teixeira; SAMPAIO, Teresa; SOUSA, Zélia de (2010). *Roteiro da exposição "Patrimónios. Centro Histórico da Vila de Palmela"*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela / Museu Municipal.
- SANTOS, Michelle Teixeira (2012). Arqueologia Urbana em Palmela. Balanço das intervenções de 2009-2012, + *Museu, Boletim do Museu Municipal de Palmela*. 15, pp.12-17.
- SANTOS, Michelle Teixeira; NUNES, João (2012/2013). Resultados da intervenção arqueológica no Espaço Cidadão (Centro Histórico de Palmela), + *Museu, Boletim do Museu Municipal de Palmela*, 16, pp. 2-7.
- SERRÃO, Vítor; MECO, José (2007). *Palmela Histórico-Artística. Um inventário do património*. Lisboa/Palmela: Edições Colibri/ Câmara Municipal de Palmela.
- TAVARES, Maria José Pimenta Ferro (1979). *Os Judeus em Portugal no Século XIV*. Coleção História e Ensaios. Lisboa: Guimarães & C.ª Editores.
- TAVARES, Maria José Pimenta Ferro (1982). *Os Judeus em Portugal no Século XV*. Vol.I. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.
- TAVARES, Maria José Pimenta Ferro (1984). *Os Judeus em Portugal no Século XV*. Vol.II. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.